



## Subcompetência instrumental e elaboração de material de referência

### *Instrumental Sub-competence and the Creation of Reference Material*

Márcia Moura da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil  
marciamouras@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-4788-1461>

**Resumo:** Hoje em dia, o tradutor tem um sem-número de recursos para auxiliá-lo em seu ofício, sendo que saber usá-los faz parte da subcompetência de tradução denominada *instrumental* (HURTADO ALBIR, 2005, 2015a, 2015b; PACTE, 2009). Sem dúvida, é necessário ter competência para surfar em meio a tanto material, grande parte do qual disponibilizada em formato eletrônico. Mas, se, por um lado, o tradutor precisa saber usar os recursos a ele oferecidos, por outro, é preciso desenvolver material que seja prático, eficaz e confiável. A falta de material de referência para lidar com a tradução de abreviaturas médicas foi a base para a construção de um glossário bilíngue (português/inglês) de abreviaturas na área da reumatologia. Ainda que essas formas reduzidas sejam recorrentes no texto médico, elas continuam a desafiar o tradutor. Este artigo descreve algumas das fases de construção desse glossário e discute a relação entre a elaboração de material de referência e a subcompetência instrumental.

**Palavras-chave:** subcompetência instrumental; tradução médica; abreviatura; glossário bilíngue.

**Abstract:** Nowadays translators have countless resources to assist them in their task. Knowing how to use these resources is part of the instrumental sub-competence (HURTADO ALBIR, 2005, 2015a, 2015b; PACTE, 2009). Undoubtedly, it is necessary to have translation competence to surf amid a barrage of material, much of which is made available in electronic format. But if, on the one hand, translators need to know how to use the resources offered to them, on the other, it is necessary to develop material that is practical, effective and reliable. The lack of reference material to deal with the

translation of medical abbreviations was the basis for the creation of a (Portuguese/English) bilingual glossary of abbreviations in the field of rheumatology. Although these shortened forms are recurrent in the medical text, they continue to challenge translators. This article describes some of the phases of the creation of this glossary and discusses the relationship between the preparation of reference material and the instrumental sub-competence.

**Keywords:** instrumental sub-competence; medical translation; abbreviation; bilingual glossary.

Recebido em 11 de maio de 2021

Aceito em 26 de julho de 2021

## 1 Introdução

A imagem do tradutor que trabalha solitário, acompanhado apenas por dicionários impressos enormes já vem sendo desconstruída há algum tempo. Hoje, não só o tradutor pode se valer de uma extensa rede de apoio formada por outros profissionais da área com quem pode trocar ideias e sanar problemas de tradução, como também de um grande número de outros recursos que podem trazer benefícios quantitativos e qualitativos a seu trabalho. Saber usar esses recursos faz parte da discussão, no campo dos Estudos da Tradução (ET), sobre as competências necessárias para que o tradutor exerça sua tarefa da melhor maneira possível. No modelo de competência tradutória proposto pelo Grupo PACTE<sup>1</sup>, liderado por Hurtado Albir, encontra-se a subcompetência *instrumental*, que se refere ao conhecimento e habilidades em usar fontes de documentações e recursos tecnológicos, tais como bancos de dados, glossários, dicionários (impressos e *on-line*) e ferramentas de auxílio à tradução.

Entendo que saber usar esses recursos inclui saber avaliar sua adequação. Nesse sentido, se ao tradutor cabe se assegurar da confiabilidade do material consultado, torna-se também fundamental que pesquisadores criem material de consulta que seja confiável, como glossários especializados. Assim, o objetivo deste trabalho é descrever a elaboração

---

<sup>1</sup> <http://grupsderecerca.uab.cat/pacte/es>

de um material terminográfico que busca precisamente ter como princípio norteador a confiabilidade de seus dados: um glossário bilíngue (português/inglês) de abreviaturas<sup>2</sup> médicas na área da reumatologia.

Durante a prática tradutória<sup>3</sup>, identificou-se que essas formas reduzidas, recorrentes em textos médicos, são um problema de tradução, pois não há padronização de uso em textos traduzidos, talvez reflexo da falta de consenso no que diz respeito à variação terminológica dessas formas. Segundo Azenha (1996, 1999), por exemplo, textos técnico-científicos, como é o caso dos textos que compõem o *corpus* de estudo que serviu de base para a construção do glossário, são “formas híbridas expostas à ação de um número elevadíssimo de variáveis e a terminologia, longe de ser estática, é dinâmica e admite uma margem de subjetividade no tratamento de seu objeto” (AZENHA, 1999, p.11). Para Franco-Aixelá (2009), esses textos são repositórios de terminologia, muitas vezes criada por pessoas que compartilham uma profissão com o objetivo de atingir a precisão e clareza que alguns termos podem trazer, ou para manter exclusividade, que acaba fortalecendo o sentimento de pertencimento das pessoas a um certo grupo de profissionais. Assim, há uma tendência em manter a terminologia inalterada mesmo em tradução, sobretudo no caso específico de traduções do inglês, pois a interferência<sup>4</sup> promoveria a internacionalização da terminologia, facilitando, assim, o fluxo de conhecimento técnico-científico. Para o autor, formas reduzidas representariam os elementos com a maior probabilidade de permanecerem inalterados em tradução.

Mas, ainda que possa haver, de fato, uma tendência em manter abreviaturas em língua inglesa<sup>5</sup> — afinal, grande parte da divulgação técnico-científica é feita nessa língua —, os resultados do presente estudo<sup>6</sup> apontam um número considerável de abreviaturas que possuem uma forma em língua portuguesa. No entanto, a discussão de tais resultados foge do escopo do presente artigo<sup>7</sup>, que se ocupará em descrever alguns aspectos da elaboração do glossário, mostrando alguns elementos que

---

<sup>2</sup> Neste projeto, usa-se a aceção mais genérica de *abreviatura*, qual seja, “redução do nome de uma entidade, país, empresa etc. a uma sigla formada por suas primeiras letras, p.ex. ONU (Organização das Nações Unidas), IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano)” (Fonte: Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/abreviatura>).

<sup>3</sup> A autora trabalhou com tradução de textos médicos.

<sup>4</sup> Conceito que Franco-Aixelá (2009) usa para definir termos no texto de chegada que foram mantidos na mesma forma que aparecem no texto de partida.

<sup>5</sup> O próprio uso do termo *CAT tools* feito neste artigo é um exemplo disso.

<sup>6</sup> A elaboração do glossário bilíngue é apenas um dos objetivos de uma pesquisa maior.

<sup>7</sup> Resultados preliminares foram apresentados em Silva e Paparelli (2018).

o diferenciam de outros glossários. Antes de abordar esses pontos, na próxima seção, algumas considerações são feitas sobre a relação entre elaboração de material de referência para tradutores e o desenvolvimento da subcompetência instrumental.

## **2 Ferramentas de auxílio à tradução e o desenvolvimento da subcompetência instrumental**

Muitos são os autores que se debruçam sobre o tema da competência tradutória (HURTADO ALBIR, 2015a, 2015b; KELLY, 2012; KIRALY, 1995; NORD, 1991; 2008; PYM, 2003; SCHÄFFNER, 2000), mas, nas últimas décadas, o modelo apresentado por Hurtado Albir e o Grupo PACTE (HURTADO ALBIR, 2005, 2015a, 2015b; PACTE, 2009) vem se mostrando um dos mais holísticos em suas propostas. Esse grupo de pesquisadores se dedica à investigação da aquisição de competência tradutória em um ambiente dedicado à formação de tradutores e mantém a discussão sobre esse tema em constante atualização. O modelo PACTE é dividido em cinco subcompetências: i) bilíngue (conhecimento das duas línguas); ii) extralinguística (conhecimento de mundo, de áreas específicas, das culturas envolvidas e enciclopédico) ; iii) dos conhecimentos sobre tradução (inclui tanto conhecimento do funcionamento da tradução como de aspectos da profissão), iv) instrumental (conhecer e saber usar recursos disponíveis, seja em papel ou digitais, como dicionários, enciclopédias, glossários, *corpora* eletrônicos, textos paralelos etc), e v) estratégica (necessária para garantir a eficiência do processo tradutório). Além dessas cinco subcompetências, o modelo inclui os componentes psicofisiológicos, que se referem a componentes cognitivos, como memória, percepção, atenção e emoção; atitudinais, como curiosidade intelectual, perseverança e pensamento crítico; e habilidades como criatividade, raciocínio lógico etc.

Segundo o grupo, a subcompetência estratégica é a mais importante, pois as outras subcompetências estão a ela atreladas, visto que sua função é

planejar o processo e executar o projeto tradutório (selecionando o método mais adequado); avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em relação ao objetivo final; ativar as diferentes subcompetências e compensar eventuais inadequações; identificar

problemas de tradução e aplicar procedimentos para solucioná-los (PACTE, 2009, p. 209, tradução minha)<sup>8</sup>.

Vale lembrar que, exceto pelas subcompetências estratégica e do conhecimento sobre tradução, as subcompetências não são requisitos exclusivos de tradutores, visto que não são somente eles que precisam dominar as línguas ou as culturas, por exemplo, para se comunicarem em outro idioma. Pym (2003) inclusive apresenta um modelo minimalista em que sugere que exclusivas ao tradutor seriam as habilidades de produzir mais de um texto de chegada (TC) e de saber selecionar o melhor entre eles. Dito isso, o tradutor não utiliza seu conhecimento linguístico da mesma maneira que fazem outros usuários, pois, como nos lembra Sobral (2008), ele não é um leitor comum – ele lê um texto, primeiro como leitor, depois como tradutor e, por fim, como autor (de seu próprio texto). Assim, a relação do tradutor com as línguas envolvidas no processo tradutório é distinta daquela de outros usuários, o que me faz pensar que pelo menos alguns componentes da subcompetência bilíngue seriam exclusivos aos tradutores, visto que aprendem as línguas de trabalho para fins específicos.

No caso do glossário aqui apresentado, criado para servir como material de referência para profissionais do texto em geral e para tradutores e pesquisadores em tradução em particular, a subcompetência instrumental ganha relevância, pois é ela que permitirá que seus consulentes avaliem sua adequação. Nesse sentido, Bevilacqua e Kilian (2017), que discutem o desenvolvimento das diferentes subcompetências tradutórias, sugerem alguns princípios a serem seguidos por tradutores para melhor avaliarem materiais terminológicos. O consulente precisa saber, por exemplo, i) a quem o material se destina e qual o seu propósito; ii) quais foram os critérios para a seleção dos termos que o compõem; iii) quais parâmetros foram usados para a constituição desse material - no caso de um glossário, a quais campos (entrada, definição, fonte da definição, contextos, fontes do contexto etc.) o consulente terá acesso?

Além desses aspectos, as autoras sugerem que o tradutor avalie outras informações, como os autores do material, a data de publicação

---

<sup>8</sup> “to plan the process and carry out the translation project (selecting the most appropriate method); evaluate the process and the partial results obtained in relation to the final purpose; activate the different sub-competences and compensate for any shortcomings; identify translation problems and apply procedures to solve them” (PACTE, 2009, p. 209).

ou de atualização; textos que expliquem a elaboração do material e guia do usuário. Para elas, esse tipo de avaliação

contribui sobretudo para a aquisição da subcompetência instrumental, ou seja, a subcompetência relacionada ao uso de recursos por parte do tradutor. A ideia é que o tradutor não apenas use esse tipo de recursos, mas que tenha critérios para escolhê-los e para saber utilizá-los de forma adequada na tomada de decisões tradutórias.” (BEVILACQUA; KILIAN, 2017, p. 1722).

Alguns glossários fazem parte do que hoje conhecemos como *CAT tools* (*Computer-aided Translation*). Kenny (1999, p. 67) aponta que, além de alguns *hardwares*, esse termo engloba uma série de *softwares*, tais como corretores automáticos, dicionários eletrônicos e bases de dados terminológicas. Segundo a autora, tradutores automáticos não fazem parte dessa categoria, pois têm por objetivo automatizarem completamente o processo tradutório, ao passo que as *CAT tools* somente auxiliam o trabalho do tradutor. Assim, enquanto na tradução automática o tradutor somente precisaria intervir em caso de inadequação na solução tradutória, nas traduções com *CAT tools*, o tradutor estaria no controle do processo, usando as ferramentas apenas para melhorar a velocidade e a consistência de seu trabalho.

Nogueira e Nogueira (2004) avaliam uma lista de programas de memória de tradução (MT)<sup>9</sup>, que estão hoje entre as *CAT tools* mais usadas pelos tradutores, não só pela conveniência de poder usá-las em plataformas já consagradas, como o Microsoft Word, mas também pelo fato de algumas delas terem versões gratuitas, ainda que com recursos limitados — há, por exemplo, limite no número de palavras armazenadas na memória nessas versões gratuitas. À medida que o tradutor vai traduzindo seu texto, este fica armazenado, sendo que a ferramenta “sugere” traduções sempre que o mesmo termo ou segmento<sup>10</sup> surgir no texto sendo traduzido ou em traduções futuras. Como apontam Esqueda,

9 Os autores avaliam as *MT Wordfast* (<https://www.wordfast.com/>); *Trados* (<https://www.sdltrados.com/>); *Déjà Vu* (<https://atril.com/>) ; *SDLX* (<https://www.sdl.com/>) e *StarTransit* (<https://www.star-group.net/en/home.html>). Porém, outras ferramentas foram lançadas desde então, como é o caso da *OmegaT* (<https://omegat.org/>) e *MemoQ* (<https://www.memoq.com/>).

<sup>10</sup> Segundo os autores, um segmento equivale ao que os gramáticos chamam de “período”. Ver Alves (2004) para uma discussão mais detalhada sobre segmentação humana e segmentação automática.

Silva e Stupiello (2017), “quanto mais repetitivo e com maior número de fraseologias fixas for o texto, mais retorno haverá do banco de dados da memória.” (ESQUEDA; SILVA; STUPIELLO, 2017, p. 164).

O tradutor também pode criar glossários, que podem ser acionados em traduções subsequentes. Neste caso, a ferramenta não traduz para o tradutor, mas armazena o que está sendo por ele traduzido, o que facilita as próximas traduções. No entanto, o tradutor pode facilmente acessar tradutores automáticos, pois muitas dessas ferramentas os disponibilizam em suas plataformas durante o processo tradutório. Além disso, o tradutor pode baixar glossários externos que auxiliem uma determinada tradução<sup>11</sup>. Embora as MT sejam auxílios bem-vindos ao tradutor, não se pode pensá-los modelos de perfeição, pois, como advertem Esqueda, Silva e Stupiello (2017), “erros podem ser propagados se segmentos registrados com problemas de tradução forem aceitos prontamente em trabalhos posteriores ou se o tradutor falhar em reconhecer diferenças mínimas entre um novo segmento e a tradução sugerida pelo sistema.” (ESQUEDA; SILVA; STUPIELLO, 2017, p. 169).

Assim, ainda que as ferramentas de auxílio à tradução venham sendo cada vez mais aprimoradas, elas ainda dependem da intervenção humana, e o tradutor, por sua vez, não só precisa saber operar essas ferramentas de maneira adequada como também precisa consultar outros materiais para complementar o processo tradutório.

No caso das abreviaturas, um glossário construído especialmente para lidar com a tradução desses elementos pode ser bem mais útil ao tradutor do que um tradutor automático, por exemplo. Basta usar o *Google Tradutor* para traduzir um texto que contenha um bom número de abreviaturas para verificar que a maioria das formas reduzidas permanece sem tradução (vale lembrar que 40% das abreviaturas do *corpus* de estudo possui forma em português). Assim, é de grande importância criar outras fontes de referência que possam, juntamente com as *CAT tools*, permitir que o tradutor dedique mais tempo em resolver problemas de tradução que não podem ser solucionados por máquinas ou ferramentas. Essa necessidade por material de referência especializado levou à criação do glossário bilingue de abreviaturas médicas, cuja elaboração é descrita na próxima seção.

---

<sup>11</sup> Vem se tornando cada vez mais comum agências de tradução disponibilizarem seus próprios glossários de linguagem especializada para auxiliar o trabalho do tradutor; entretanto, isso leva a descontos nos valores a eles pagos sob o argumento de que esses glossários reduzem o número de horas gastas em uma tradução.

### 3 Elaboração do glossário bilíngue

A elaboração de um glossário bilíngue pode parecer uma tarefa despreziosa: escolhem-se os termos que comporão esse glossário e procuram-se correspondentes na outra língua. No produto final, geralmente, é isso que vê o consulente, mas, nos “bastidores”, uma série de fatores precisam ser pensados para que esse material de consulta cumpra, de fato, seu papel de auxiliar no processo tradutório.

Da mesma maneira que propõem princípios de avaliação de materiais terminológicos, Bevilacqua e Kilian (2017, p. 1710) oferecem uma lista de princípios para a elaboração desses materiais: i) delimitação da área e/ou subárea de conhecimento e tema; ii) definição dos usuários e da função da obra; iii) seleção dos textos que servirão como *corpus* para a coleta e seleção dos termos; iv) definição dos critérios para a seleção dos termos que compõem o material); v) definição das informações a serem dadas sobre as entradas e vi) definições das partes introdutórias e finais do material. A descrição da construção do glossário a seguir mostra como esses princípios foram seguidos, sendo que o resultado foi um produto que não só facilitará o trabalho do tradutor em termos de lhe oferecer soluções tradutórias, mas também o ajudará no desenvolvimento da subcompetência instrumental ao encorajá-lo a consultar o glossário em sua totalidade, não simplesmente as entradas individuais, que já trazem algumas diferenças se comparadas a glossários mais tradicionais.

#### 3.1 Delimitação do objeto de estudo, de usuário e função do glossário

Ainda que a tradução de textos médicos venha sendo investigada academicamente de maneira crescente (ex. COLLET, 2012; COULTHARD, 2005; HANES, 2016; PASQUALI; PAIVA, 2013), as abreviaturas, identificadas durante a prática tradutória como sendo um problema de tradução, são pouco exploradas como objeto de pesquisa nos ET, ainda que sejam recorrentes no texto médico. A área da reumatologia foi escolhida por ter sido aquela com maior número de projetos de tradução a cargo da autora. Esses projetos, em sua maioria, tinham por objetivo facilitar o diálogo entre a indústria farmacêutica e órgãos públicos brasileiros, como, por exemplo, Ministério da Saúde, Sistema Único de Saúde (SUS), ANVISA, CONITEC. Há na área uma evidente necessidade de se encontrarem soluções para o tratamento de uma crescente população de pessoas afetadas por doenças



reumáticas<sup>12</sup>, tratamentos esses validados por pesquisas científicas, que descrevem essas doenças e avaliam novas drogas. Assim, um glossário bilíngue de abreviaturas cobrindo essa área de especialidade seria de grande utilidade para tradutores ou outros profissionais do texto que lidam com textos médicos.

### 3.2 Seleção dos textos e construção do *corpus* de estudo

A Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2002, 2004; BIBER, 1993; MCENERY; HARDIE, 2012; O'KEEFFE; MCCARTHY, 2010; TAGNIN, 2002) vem emprestando seus princípios e metodologia para várias pesquisas em tradução<sup>13</sup>, tendo sido Baker (1993; 1995) a pioneira na aplicação desses princípios e metodologia nos ET, o que deu origem ao que hoje conhecemos como Estudos de Tradução baseados em *Corpus* (BAKER, 1993, 1995; OLOHAN, 2004; TIMOCZKO, 1998). Baker (1995) define *corpus* como sendo uma

coleção de textos armazenados em formato digital que podem ser analisados automática ou semiautomaticamente de várias maneiras [...], um *corpus* pode incluir um grande número de textos de diferentes fontes, de vários autores e falantes e sobre diversos tópicos. O mais importante é que seja construído para um propósito específico seguindo critérios explícitos de desenho a fim de garantir que seja representativo da área ou da amostra de língua que pretende estudar. (BAKER, 1995, p. 225, tradução minha)<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> Segundo o Ministério da Saúde, em 2011 as doenças reumáticas já acometiam 12 milhões de brasileiros.

<sup>13</sup> Basta uma busca nas bases de dados de universidades e de periódicos especializados para constatar tal asserção. A *Cadernos de Tradução*, da Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo, dedicou uma de suas edições especiais ao tema: *Corpus Use and Learning to Translate, almost 20 years on*, disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/2383/showToc>

<sup>14</sup> “collection of texts held in machine readable form and capable of being analysed automatically or semi-automatically in a variety of ways [...], a corpus may include a large number of texts from a variety of sources, by many writers and speakers and on a multitude of topics. What is important is that it is put together for a particular purpose and according to explicit design criteria in order to ensure that it is representative of the given area or sample of language it aims to account for” (BAKER, 1995, p. 225).

Como um dos objetivos da pesquisa na qual se insere a construção do glossário é observar o padrão tradutório das abreviaturas, construiu-se um *corpus* paralelo (coleção de textos originais em língua A e suas traduções em língua B) com 246 textos escritos originalmente em português (605.839 palavras) e suas respectivas traduções em língua inglesa<sup>15</sup> (582.371 palavras) extraídos da *Revista Brasileira de Reumatologia*<sup>16</sup>. Construiu-se também um *corpus* comparável<sup>17</sup> com 246 textos escritos originalmente em língua inglesa (604.354) da revista *Rheumatology*<sup>18</sup>. Todos os textos foram publicados em suas respectivas plataformas entre 2009 e 2012. Ambas as revistas são especializadas na área da reumatologia e todos os artigos são submetidos à avaliação por pares, o que os torna periódicos confiáveis.

Em relação à representatividade do *corpus*, seguimos a orientação de Baker (1995), segundo a qual o importante é que um *corpus* seja representativo da área (reumatologia). Koester (2010) também destaca a representatividade do *corpus* e seu desenho. Para o autor, não há um tamanho ideal para um *corpus*, pois os resultados dependem de seu conteúdo e do que está sob investigação. Além disso, aponta que “*corpora* mais especializados têm uma vantagem distinta: permitem uma relação bem mais próxima entre o *corpus* e os contextos em que os textos no *corpus* foram produzidos” (KOESTER, 2010, p. 67, tradução minha)<sup>19</sup>. Ao delimitar a busca por abreviaturas na área da reumatologia e extraí-las de revistas especializadas na área, acredito ter atingido representatividade. A tabela 1 mostra um resumo dos dados quantitativos dos *corpora*.

---

<sup>15</sup> Os textos de partida tiveram de ser os textos em língua portuguesa, pois é possível encontrar uma quantidade considerável de textos acompanhados de traduções para o inglês; já o oposto é praticamente inexistente.

<sup>16</sup> [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0482-5004&lng=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0482-5004&lng=en)

<sup>17</sup> *Corpora* comparáveis podem ser i) monolíngues: coleção de textos originais em língua A e textos traduzidos em língua A ou ii) bilíngues: coleção de textos originais em língua A e textos originais em língua B. Na presente pesquisa, os textos usados no *corpus* paralelo também fazem parte do comparável, visto que podem ser comparados entre si.

<sup>18</sup> <http://rheumatology.oxfordjournals.org/content/by/year>

<sup>19</sup> “more specialised corpora have a distinct advantage: they allow a much closer link between the corpus and the contexts in which the texts in the corpus were produced” (KOESTER, 2010, p. 67).

Tabela 1 - Corpus de estudo

	<i>Corpus paralelo</i> <i>Revista Brasileira de Reumatologia</i>		<i>Corpus comparável</i> <i>Rheumatology</i>
	Português	Inglês (traduções)	Inglês
Total de textos	246	246	246
Total de palavras	605.839	582.371	604.354

Fonte: elaborado pela autora

Em relação à definição dos critérios para a inclusão dos termos, foram selecionadas somente abreviaturas com dez ou mais ocorrências nos textos escritos em língua portuguesa. Ainda que sejam abreviaturas da área da reumatologia, não foram desprezadas aquelas que não são especificamente dessa área, pois, com o objetivo de facilitar o trabalho do tradutor, outras abreviaturas que, de alguma forma se relacionem à reumatologia também foram incluídas. Dessa maneira, o tradutor não precisará consultar mais de uma fonte quando estiver traduzindo. Há, por exemplo, 80 ocorrências de *HIV* (*Vírus da imunodeficiência humana*), que não é um vírus diretamente relacionado à reumatologia; entretanto, portadores desse vírus estão mais propensos a algumas doenças reumáticas<sup>20</sup>. Assim, há uma probabilidade considerável de o tradutor de um texto em reumatologia ter que lidar com essa abreviatura.

Os textos do *corpus* paralelo foram processados com a ferramenta *ParaConc* (BARLOW, 2001), pois essa ferramenta permite que o pesquisador alinhe os textos das duas línguas e selecione os termos desejados. Contudo, é importante ressaltar que por vezes é necessário que o pesquisador faça ajustes manuais ao alinhamento, pois algumas características das traduções podem afetar a extensão dos segmentos, sobretudo devido a omissões ou adições. Uma sentença no texto de partida (TP), por exemplo, pode se tornar duas na tradução. Nesse caso, TP e TC não estariam alinhados porque cada linha abriga uma sentença, logo, enquanto o TP ocuparia somente uma linha, o TP ocuparia duas, o que obrigaria uma intervenção do pesquisador.

Uma vez que os textos foram alinhados, a ferramenta produziu uma lista de palavras por ordem de frequência (utilitário *frequency*). Essa lista nos permitiu buscar por candidatos a abreviaturas. Com esses candidatos em mãos, uma lista específica pôde ser gerada (armazenada na planilha *Excel*). Um total de 297 abreviaturas em português e seus

<sup>20</sup> <https://www.reumatologia.org.br/doencas-reumaticas/manifestacoes-reumaticas-relacionadas-ao-virus-da-imunodeficiencia-humana-aids/>

correspondentes em inglês foi coletado. A tabela 2 mostra uma lista das cinco abreviaturas mais frequentes desse *corpus*.

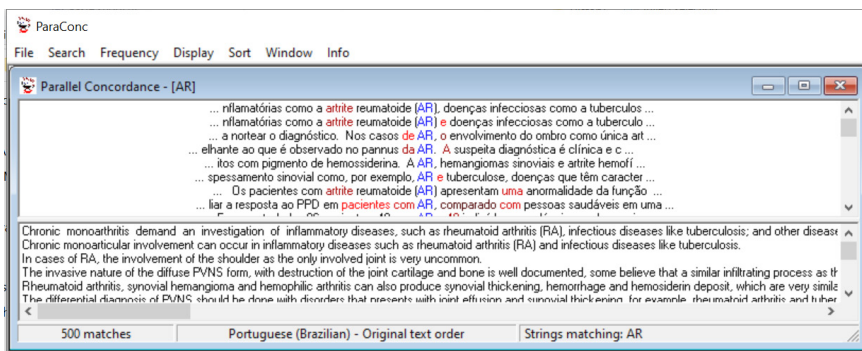
Tabela 2 - as cinco abreviaturas mais frequentes e correspondentes em inglês

1	Abrev. Português	Forma plena	Freq.	Abrev. inglês	Forma plena	Freq.
2	AR	Artrite Reumatoide	1279	RA	Rheumatoid Arthritis	1318
3	LES	Lúpus Eritematoso Sistêmico	1172	SLE	Systemic lupus erythematosus	1226
4	FR	Fator Reumatóide	378	RF	Rheumatoid Factor	317
5	ES	Esclerose Sistêmica	291	SSc	Systemic sclerosis	289
6	EA	Espondilite Anquilosante	288	AS	Ankylosing Spondylitis	265

Fonte: elaborado pela autora

Por meio do utilitário *search*, foi possível buscar qualquer uma das 297 abreviaturas para observar seus contextos de uso nas duas línguas, assim como suas formas plenas. A figura 1 mostra, na parte superior, algumas ocorrências da abreviatura *AR* (*artrite reumatoide*) e, na parte inferior, seu correspondente em inglês *RA* (*rheumatoid arthritis*)<sup>21</sup>.

Figure1 - Abreviatura *AR*



Fonte: *Search – ParaConc*

<sup>21</sup> Um dos pontos fracos dessa ferramenta é o fato de que os correspondentes não aparecem destacados.

O uso do *corpus* paralelo facilitou a identificação das abreviaturas correspondentes em língua inglesa, suas formas plenas e os contextos em que se inserem. Além disso, também foi possível observar o padrão tradutório para esses elementos. Como pode ser visto na tabela 2 acima, o número de ocorrências entre as línguas difere. Isso ocorre porque esses elementos em tradução podem ser resolvidos de maneiras diferentes. Podem ser, por exemplo, omitidos, adicionados, ou substituídos por formas plenas. Ademais, como já mencionado, embora possa haver uma tendência em se manter abreviaturas em língua inglesa, (FRANCO-AIXELÁ, 2009), uma porcentagem significativa das abreviaturas do *corpus* (40%) possui forma em língua portuguesa. Os textos alinhados facilitam a visualização dessas diferenças em tradução<sup>22</sup>.

Embora essa ferramenta tenha cumprido seu papel no que diz respeito ao alinhamento dos textos e à seleção das abreviaturas, na segunda etapa da pesquisa (um segundo glossário na área da cardiologia já está em construção), passamos a utilizar a ferramenta de livre acesso *AntPconc* (ANTHONY, 2017), que além de ser mais prática, tem a vantagem de ter sido criada pelo mesmo desenvolvedor da ferramenta *AntConc* (ANTHONY, 2019), também utilizada no processamento dos *corpora*, havendo, assim, mais compatibilidade entre as ferramentas usadas.

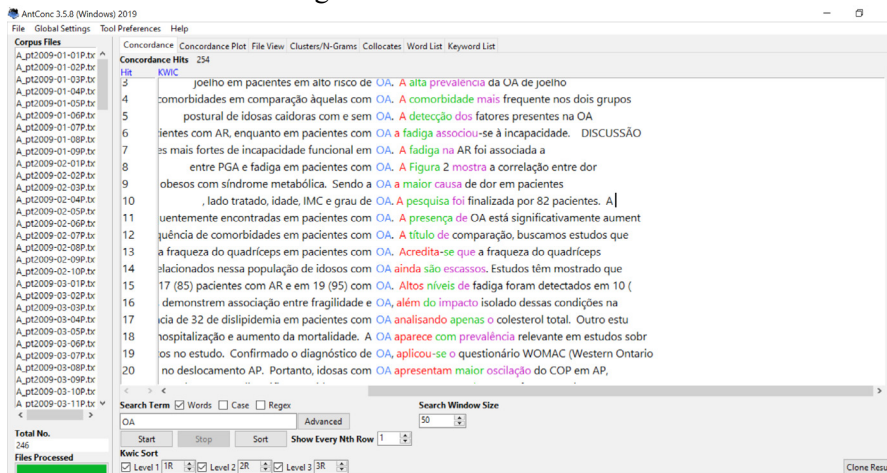
Depois da extração das abreviaturas em português e seus correspondentes em inglês utilizando o *ParaConc*, todos sub-*corpora* foram processados pelo *AntConc*. Os textos do *corpus* paralelo tiveram que ser salvos em uma outra codificação<sup>23</sup> para serem processados nessa ferramenta. Ainda que seja possível selecionar contextos no *ParaConc*, usamos o *AntConc* para a seleção dos contextos que foram incluídos no glossário, visto ter essa ferramenta uma interface mais amigável e intuitiva. Para buscar uma abreviatura e seu contexto, por exemplo, basta inserir a abreviatura desejada no campo de busca do utilitário *concordance*, para que a ferramenta exiba todas as ocorrências daquela abreviatura. A figura 2 mostra a busca pela abreviatura *OA* (*Osteoartrite*). Chamamos a atenção para o fato de que na figura aparecem outras abreviaturas (*AR*, *PGA*, *IMC*, *AP*, *WOMAC*, *COP*), o que corrobora a asserção feita anteriormente da recorrência de formas abreviadas em texto médicos.

---

<sup>22</sup> As estratégias de tradução usadas para essas abreviaturas serão discutidas em outro trabalho.

<sup>23</sup> O *ParaConc* requer que textos sejam salvos em formato ANSI, e o *AntConc* em UTF-8.

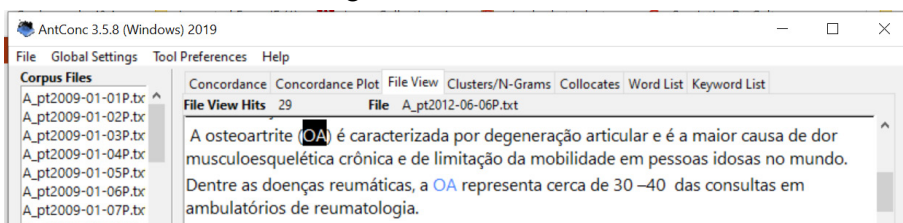
Figura 2 - Abreviatura OA



Fonte: Concordance – AntConc – sub-corpus português

A partir da lista com as ocorrências de uma determinada abreviatura, basta clicar na abreviatura para que se amplie o contexto em que ela está inserida. Assim, pode-se escolher o contexto mais apropriado para ser usado. A figura 3 mostra o contexto utilizado no glossário para a abreviatura OA. O mesmo processo foi feito para se buscar o contexto no *corpus* de textos traduzidos.

Figura 3 - Contexto OA

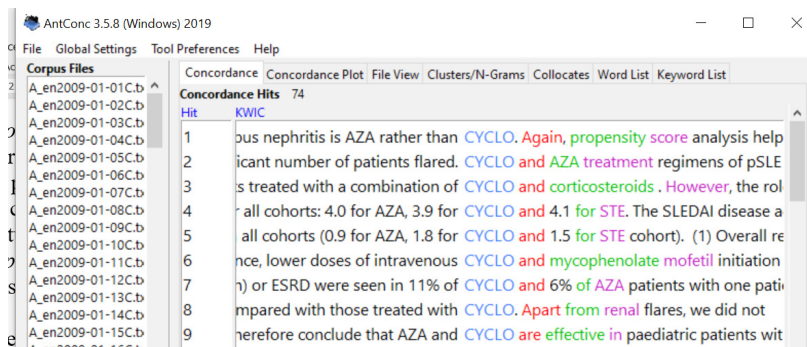


Fonte: Concordance – AntConc – sub-corpus português

O *corpus* comparável (de textos escritos originalmente em língua inglesa) foi construído para validar os resultados encontrados no *corpus* paralelo. Utilizando a ferramenta *AntConc*, uma busca por todos os correspondentes em línguas inglesa identificados no *corpus* paralelo foi feita no comparável para verificarmos o padrão de uso. O correspondente

em língua inglesa da abreviatura para a droga *ciclofosfamida* (*CFM*), por exemplo, aparece como *CPM* (*cyclophosphamide*) em textos traduzidos. No entanto, no *corpus* comparável, somente as abreviaturas *CYCLO* e *CYC* aparecem (74 e 55 ocorrências respectivamente), ou seja, *CPM* foi criada em tradução. No glossário, apenas a abreviatura *CYCLO* foi oferecida como correspondente de *CFM*, e *CYC* aparece como uma segunda opção. A fig. 4 mostra algumas ocorrências da abreviatura *CYCLO* no *corpus* de língua inglesa.

Figura 4 - Abreviatura *CYCLO*



Fonte: *Concordance – AntConc – sub-corpus inglês*

Também há casos de abreviaturas que aparecem nos textos traduzidos, mas que não aparecem no *corpus* de textos escritos originalmente em língua inglesa, nem mesmo em sua forma plena. Nesses casos, foi preciso “sair do *corpus*” e procurar as abreviaturas em textos especializados na internet, como foi o caso da abreviatura *APS* (*antiphospholipid antibody syndrome*). Embora não tenha sido encontrada no *corpus* de estudo, em busca pela internet, verificou-se que é uma abreviatura de uso corrente, tendo sido, assim, incluída no glossário. É importante mencionar que foi estabelecido o critério de somente consultar páginas de associações e instituições médicas, ou seja, especializadas, quando o *corpus* comparável não ofereceu nenhuma abreviatura ou forma plena que correspondesse àquela do *corpus* paralelo. A figura 5 mostra a abreviatura *APS* no site do *American College of Rheumatology*.

### Figura 5 - APS (*antiphospholipid antibody syndrome*)

Antiphospholipid antibody syndrome (commonly called antiphospholipid syndrome or APS) is an autoimmune disease present mostly in young women. Those with APS make abnormal proteins called antiphospholipid autoantibodies in the blood. This causes blood to flow improperly and can lead to dangerous clotting in arteries and veins, problems for a developing fetus and pregnancy miscarriage. People with this disorder may otherwise be healthy, or they also may suffer from an underlying disease, most frequently systemic lupus erythematosus (commonly called *lupus* or SLE).

APS affects women five times more commonly than men. It is typically diagnosed between the ages of 30 and 40. While up to 40% of patients with SLE will test positive for the anti-phospholipid autoantibodies, only half will develop thrombosis and/or experience miscarriages. Like most autoimmune disorders, APS has a genetic component, although there is not a direct transmission from parent to offspring.

#### + What is Antiphospholipid Syndrome (APS)?

Fonte: site do *American College of Rheumatology*<sup>24</sup>

A análise também nos mostrou que a ausência de correspondentes em língua inglesa para algumas das abreviaturas encontradas nos textos em português indicam o não uso de formas reduzidas. Por exemplo, não foi encontrada no *corpus* uma forma reduzida correspondente para *TCLE* (*Termo de consentimento livre e esclarecido*), documento que precisa ser assinado pelo paciente como consentimento para procedimentos diagnósticos e terapêuticos, mas foram encontradas as colocações: i) *written consent*: “*The study was approved by the Trent Research Ethic Committee (REC) and **written consent** was obtained from the patients*”; ii) *informed written consent*: “*Ethics committee approval (Southampton and SW Hampshire Ethics Committee) was obtained, and all participants gave **informed written consent***” e iii) *written informed consent*: “*The study was approved by the local research ethics committee and Research and Development Directorate and all participants gave **written informed consent***”. (cf. sub-corpus em língua inglesa, grifo meu). Em casos como esse, não foi criada uma entrada no glossário em língua inglesa, e uma nota foi adicionada na entrada para *TCLE* indicando esse padrão.

### 3.3 Base de dados

Uma vez que as abreviaturas foram coletadas, sua adequação para inclusão no glossário avaliada e seus correspondentes validados,

<sup>24</sup> <https://www.rheumatology.org/I-Am-A/Patient-Caregiver/Diseases-Conditions/Antiphospholipid-Syndrome>



elas foram incluídas na base de dados, que estará em breve disponível *on-line* para consulta livre. Todas as entradas possuem os seguintes campos:

*Língua*: o consulente pode escolher a língua de busca na página principal;

*Forma por extenso*: quando nenhuma forma plena foi encontrada no *corpus*, inseriu-se *n/e* (não encontrada) nesse campo. Além disso, uma nota sobre essa ausência foi adicionada à ficha de entrada. Contudo, na mesma nota, a forma plena, retirada de sites especializados da internet, foi oferecida ao consulente a título de informação;

*Contexto*: exemplo de como a abreviatura é usada na língua selecionada em sentenças retiradas dos *corpora* de estudo. Deu-se preferência a contextos definitórios, mas nem sempre isso foi possível. Cada artigo recebeu um código, sendo que esse código aparece em todos os contextos usados no glossário. Caso o consulente queira ver mais detalhes, poderá recorrer ao artigo de onde se extraiu o contexto;

*Outras formas*: este campo é usado para registrar variações morfofossintáticas de algumas abreviaturas;

*Ver também*: apresenta outras abreviaturas que tenham alguma ligação com a abreviatura buscada. As interleucinas (*IL*), por exemplo, são acompanhadas de diferentes números (ex. *IL-2*; *IL-4*; *IL-06*); assim, em cada uma dessas entradas, as outras abreviaturas aparecem nesse campo. Nele também foram incluídas abreviaturas que são usadas para formas plenas diferentes, como é o caso de *DM* (*dermatomiosite/diabetes mellitus* - *DM<sup>1</sup>* e *DM<sup>2</sup>* respectivamente);

*Abreviatura em (a outra língua)*: o consulente pode clicar nesse campo para visualizar a entrada na outra língua;

*Notas*: em algumas entradas, incluíram-se notas que destacam particularidades de certas abreviaturas, como é o caso da ausência de forma plena, como mencionado acima, ausência de correspondente em língua inglesa etc.

A partir da página principal do glossário, o consulente poderá fazer a busca por palavra (abreviatura) ou por ordem alfabética. A figura 6 mostra uma das páginas para a letra C. Basta o consulente clicar na abreviatura desejada para visualizar a ficha completa.

Figura 6 - procura por ordem alfabética – letra C



Fonte: glossário bilíngue – inglês

A figura 7 mostra a entrada da abreviatura *ANTI-HBC*, para a qual não foi encontrada uma forma plena, assim, uma nota foi adicionada no final da ficha.

Figura 7 - entrada *ANTI-HBC*

Fonte: glossário bilíngue – português

A figura 8 mostra a abreviatura em língua inglesa *CYCLO*, forma abreviada da droga *cyclophosphamide*, para a qual uma segunda forma, *CYC*, também foi oferecida.

Figura 8 - entrada CYCLO

**ABREVIATURA: CYCLO**

*Língua:* Inglês

*Forma por extenso:*  
Cyclophosphamide

*Contexto:*  
Class IV nephritis includes corticosteroids and another immunosuppressive agent, most commonly **cyclophosphamide (CYCLO)**. (A\_en2009-02-09C)

*Outras formas:*  
CYC

*Contexto:*  
Standard treatment for induction of remission in WG consists of therapy with **cyclophosphamide (CYC)** and corticosteroids. (A\_en2009-04-17C).

*Abreviaturas(s) em Português :*  
CFM, Ciclofosfamida

[Anterior](#)   [Busca por Abreviatura](#)   [Busca alfabética](#)

Fonte: glossário bilíngue – inglês

Além das entradas, o consulente terá acesso a um breve texto de apresentação do projeto, com informações sobre o arcabouço teórico-metodológico seguido, a equipe envolvida na pesquisa e referências bibliográficas. Nessa página há um *link* para um guia de uso, que explica cada um dos campos do glossário e como usá-lo. Acesso também será dado aos catálogos que foram construídos para cada um dos *sub-corpora*, que foram reunidos por ano de publicação. Como mencionado anteriormente, cada contexto usado no glossário é seguido de um código (cf. fig. 5 e 6), que identifica cada um dos artigos que compõem os *corpora*. No catálogo, além desse código, o consulente encontrará os nomes de autores, títulos, fontes e respectivos *links*, caso ele queira acessar o artigo na íntegra. O quadro 1 mostra os detalhes de um dos artigos usados, tanto do texto escrito originalmente em português quanto sua tradução em língua inglesa.

Quadro 1 - catálogo de artigos da *Revista Brasileira de Reumatologia*, 2009

Código	Autor, título e fonte	Disponível em
A_pt2009-01-02P	Ana Karla Guedes de Melo; Alessandra Barbosa Avelar; Flávia Kamy Marciel Maegawa; Branca Dias Batista de Souza <i>Avaliação de 100 pacientes com nefrite lúpica acompanhados por dois anos</i> Rev. Bras. Reumatol. vol.49 no.1 São Paulo jan./fev. 2009	<a href="http://www.scielo.br/pdf/rbr/v49n1/02.pdf">http://www.scielo.br/pdf/rbr/v49n1/02.pdf</a> (acesso em 15 de maio de 2018)
A_en2009-01-02P	Ana Karla Guedes de Melo; Alessandra Barbosa Avelar; Flávia Kamy Marciel Maegawa; Branca Dias Batista de Souza <i>Analysis of 100 patients with lupus nephritis followed up for 2 years</i> Rev. Bras. Reumatol. vol.49 no.1 São Paulo jan./fev. 2009	<a href="http://www.scielo.br/pdf/rbr/v49n1/en_02.pdf">http://www.scielo.br/pdf/rbr/v49n1/en_02.pdf</a> (acesso em 15 de maio de 2018)

Fonte: elaborado pela autora

## Considerações finais

O objetivo do presente artigo foi descrever a elaboração de um glossário bilíngue de abreviaturas da área da reumatologia, que servirá como fonte de referência, sobretudo a tradutores, criado a partir da constatação da escassez de material dessa natureza. Ademais, ao discutir a relação entre a elaboração desse glossário e o desenvolvimento da subcompetência instrumental (HURTADO ALBIR, 2005, 2015a, 2015b; PACTE, 2009), que se refere ao conhecimento e habilidades em usar fontes de documentações e recursos tecnológicos, acredito ter evidenciado a importância de se criar material que, de fato, possa contribuir para o desenvolvimento dessa subcompetência. Como nos lembra Bevilacqua e Kilian (2007), não basta que o tradutor tenha material de consulta a sua

disposição; ele também precisa ter critérios para escolhê-lo e saber usá-lo. Nesse sentido, o glossário aqui apresentado não só facilita o trabalho do tradutor, mas também o convida a conhecer alguns dos aspectos de sua construção. Evidentemente, há um sem-número de glossários bilíngues disponíveis para consulta *on-line*, mas é preciso que cada vez mais se crie material especializado pensando mais em quem usará esse material e para qual finalidade. Além disso, ao oferecer elementos adicionais às tradicionais entradas, estar-se-á contribuindo para que os tradutores se habituem a avaliar a adequação desses materiais seguindo critérios claramente definidos. Ao fornecer esses critérios aos consulentes, talvez se estejam estabelecendo padrões de qualidade que tradutores poderão buscar em outros materiais que venham a consultar.

## Agradecimentos

Agradeço à Profa. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard pela leitura do artigo e sugestões e à agência de fomento PROBIC-FAPERGS-UFRGS pela concessão de bolsas de Iniciação Científica às discentes que participaram do projeto.

## Referências

- ALVES, F. Tradução, cognição e tecnologia: investigando a interface entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 14, p. 185-209, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6481/5975>. Acesso em: 02 out. 2020.
- ANTHONY, L. *AntConc*. Versão 3.5.8. Tóquio: Waseda University, 2019.
- ANTHONY, L. *AntPConc*. Versão 1.2. Tóquio: Waseda University, 2017.
- AZENHA, J. Jr. *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- AZENHA, J. Jr. Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 137-148, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5083/4542>. Acesso em: 02 out. 2020.
- BAKER, M. Corpora in Translation Studies. An overview and suggestions for future research. *Target*, Amsterdam, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995. DOI: 10.1075/target.7.2.03bak

BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (orgs.). *Text and Technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

BARLOW, M. *ParaConc*. Versão 1.0. Houston: Athelstan, 2001.

BERBER SARDINHA, A. P. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manola, 2004.

BERBER SARDINHA, A. P. Corpora Eletrônicos na Pesquisa em Tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 15-59, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5980/5684>. Acesso em: 02 out. 2020.

BEVILACQUA, C.; KILIAN, C. Tradução e terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 11, n. 5, p.1707-1726, 2017. DOI: 10.14393/DL32-v11n5a2017-17

BIBER, D. Representativeness in corpus design. *Literary and Linguistic Computing*, Oxford, v.8, n.4, p. 243-257, 1993. DOI: 10.1093/lc/8.4.243

COLLET, T. *Procedimentos tradutórios na legendagem de house: análise da terminologia médica referente a exames e aparelhos*. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PGET0122-D.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

COULTHARD, R. J. *The application of corpus methodology to translation: the JPED parallel corpus and the pediatrics comparable corpus*. 2005. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PGET0003.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

ESQUEDA, M.D.; SILVA, I.A.; STUPIELLO, E.N. Examinando o uso dos sistemas de memória de tradução na sala de aula de tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. 3, p. 160-184, 2017. DOI: 10.5007/2175-7968.2017v37n3p160

FRANCO-AIXELÁ, J. An overview of interference in scientific and technical translation. *The Journal of Specialised Translation*, Roehampton, n. 11, p.75-88, 2009. Disponível em: [https://jostrans.org/issue11/art\\_axela.php](https://jostrans.org/issue11/art_axela.php). Acesso em: 02 out. 2020.

HANES, W.F. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz from the age of empire to the post-Gutenberg world: lingua franca and the culture of tropical medicine*. 2016. 357 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PGET0308-T.pdf>. Acesso em: 02 out. 2020.

HURTADO ALBIR, A. *Aprender a traducir del francés al español: Competencias y tareas para la iniciación a la traducción*. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, Madrid: Edelsa, 2015a.

HURTADO ALBIR, A. *Aprender a traducir del francés al español: competencias y tareas para la iniciación a la traducción*. Guía didáctica. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, Madrid: Edelsa, 2015b.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A., MAGALHÃES, C., ALVES, F. (orgs.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 19-57.

HURTADO ALBIR, A. ; ALVES, F. Translation as a cognitive activity. In: MUNDAY, J. *The Routledge companion to translation studies*. Oxon: Routledge, 2009. p. 54-73.

KELLY, D. *A Handbook for translators trainers*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2012.

KENNY, D. CAT Tools in an academic environment: what are they good for? *Target*, Amsterdam, v. 11, n. 1, p. 65-82, 1999. DOI: 10.1075/target.11.1.04ken

KIRALY, D. *Pathways to translation. Pedagogy and process*. Kent: The Kent State University Press, 1995.

KOESTER, A. Building small specialised corpora. In: O'KEEFFE, A. ; MCCARTHY, M. (eds.). *The Routledge handbook of Corpus Linguistics*. London: Routledge, 2010. p. 66-79.

MCENERY, T; HARDIE, A. *Corpus Linguistics: method, theory and practice*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2012.

NOGUEIRA, D.; NOGUEIRA, V.M. Por que usar programas de apoio à tradução? *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 14, p. 17-35, 2004. DOI: 10.5007/1980-25X

O'KEEFFE, A. ; MCCARTHY, M. (eds.). *The Routledge handbook of Corpus Linguistics*. London: Routledge, 2010.

OLOHAN, M. *Introducing Corpora in Translation Studies*. London: Routledge, 2004.

NORD, C. *Text analysis in translation*. Amsterdam: Rodopi, 1991.

PACTE. Results of the Validation of the Pacte Translation Competence Model: Acceptability and Decision Making. *Across Languages and Cultures*, Budapest, v. 10 n. 2, p. 207-230, 2009. DOI: 10.1556/Acr.10.2009.2.3

PASQUALI, A.B; PAIVA, P.T.P. A tradução de resumos médicos como meio de aprendizagem do processo tradutório e da terminologia especializada. *Caminhos em Linguística Aplicada*, Taubaté, v. 09, n. 2, p. 25-49, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122603>>. Acesso em: 02 out. 2020.

PYM, A. Redefining translation competence in an electronic age. In defence of a minimalist approach. *Meta: Translators' Journal*, Montreal , v. 4, n. 48, p. 481-497, 2003. DOI: 10.7202/008533ar

SCHÄFFNER, C. Running before walking? Designing a translation programme at undergraduate level. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (eds.). *Developing translation competence*. Birmingham: Benjamins, 2000. p. 143-156.

SILVA, M. M.; PAPARELLI, G. V. O uso de corpus paralelo e comparável para descrever padrões de uso na tradução de abreviaturas e acrônimos de termos médicos. In: FINATTO, M.J.; REBECHI, R.; SARMENTO, S.; BOCORNY, A. (orgs.). *Linguística de corpus : perspectivas*. Porto Alegre: UFRGS, 2018. p. 323-339.

SOBRAL, A. *Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Editora SBS, 2008.

TAGNIN, S. E. O. Os corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 9, p.191-219, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5986/5690>. Acesso em: 02 out. 2020.

TYMOCZCO, M. Computerized Corpora and the Future of Translation Studies. *Meta*, Montreal, v. 43, n. 4, p.652-660, 1998. DOI: 10.7202/004515ar